

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE APLICAR A ONHB COMO APOIO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Carlos Eduardo Domenes da Silva ¹

Rafael Muraro Mariano ²

Sandra Regina Alves de Souza³

RESUMO

O presente relato de experiência retrata a minha participação na aplicação da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) explorando os desafios e potencialidades como apoio ao ensino de História, especialmente em escolas de ensino integral. Criada em 2008 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a ONHB conta atualmente com mais de 225 mil participantes. O objetivo para desenvolver a olimpíada na unidade escolar é analisar os desafios a exemplo se professores têm tempo de qualidade para aplicar a olimpíada em meio à atual realidade encontrada na unidade escolar, marcada por constantes mudanças, e como potencialidades de que formas os estudantes se beneficiam dela. Trago, como primeira etapa metodológica, minha experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) que apoiei na aplicação da ONHB na Escola Estadual José Belucio localizado no município de Fernandópolis, São Paulo. Na segunda etapa, de caráter referencial teórico-metodológico, pautado em estudo bibliográficos, por meio de artigos, apresento a contribuição de outros professores que escreveram a respeito desse assunto, evidenciando as contribuições para o ensino de História, a exemplo Soares (2023). Por fim concluo que entre os desafios da aplicação da olimpíada o tempo para aplicação com apoio para os estudantes na unidade escolar mostrou-se sendo o principal desafio e como potencialidade elenco o desenvolvimento da atitude historiadora sendo a maior das contribuições.

Palavras-chave: ONHB, Estudantes, História, Professores, Experiência.

INTRODUÇÃO

Este artigo e relato de experiência têm por questão trazer a aplicabilidade da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) visando seus desafios e potencialidades levando em consideração a atual realidade que nossos professores e estudantes levam nas escolas de programa de ensino integral (escolas PEI). Em 2025 segundo o site do governo federal foi registrado um numero recorde de 225 mil estudantes participantes. Com um ensino

¹ Graduando do Curso de História da Fundação Educacional de Fernadopolis - FEF, domenescarlos10@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de História da Fundação Educacional de Fernadopolis - FEF, rafaelmuraramariano@gmail.com;

³ Professora orientadora: Mestra em ensino e Processos formativos, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” - UNESP, sreginaprof@gmail.com.



actual baseado em resultados como saber a qualidade no desenvolvimento da ONHB? A Olimpíada Nacional em História do Brasil é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) criado pelo Programa de Pós-Graduação de História em 2008, e atualmente está em sua décima sétima edição. Segundo o regulamento da 17ª Olimpíada Nacional em História do Brasil, participam da olímpiada escolar estudantes a partir da oitava série dos anos finais do Ensino Fundamental até o terceiro do ano do Ensino Médio, sob orientação de um professor da mesma unidade escolar.

Trataremos aqui de desafios sendo um deles, os professores estão tendo tempo para aplicar a ONHB? E potencialidades a exemplo como nossos estudantes estão se beneficiando da mesma. Como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) relatarei a experiência de ter participado da ONHB 17ª edição apoiando estudantes e professor durante a realização da Olimpíada juntamente com referencias bibliográficas de outros professores que mostram relevância de integrar a Olimpíada com o ensino de história.

Atuei como bolsista do Pibid na escola estadual José Belucio pela Fundação Educacional de Fernandópolis (Fef), sob orientação da Prof Ms Sandra e Prof Rafael desenvolvi atividades voltadas para a disciplina de história e demais atividades pedagógicas que a escola tinha como demanda. Em uma das segundas que fui à escola o Prof Rafael comentou que montaria equipes com os estudantes para participar da ONHB e pediu o apoio para ajudar na aplicação acompanhando os estudantes durante a realização da prova.

Após a montagem das equipes, processo que demandou tempo para o cadastramento das equipes, fizemos um estudo da edição anterior (16ª edição) como forma de treinamento sendo observadas as seguintes temáticas: História e cultura africana e Indígena, culturas material e imaterial, Brasil colônia, império e república. O estudo foi realizado em primeiro momento entre os bolsistas depois com os estudantes, identificamos a importância das tarefas para o desenvolvimento da atitude historiadora uma vez que são questões de maior elaboração, com relação às questões gerais orientamos aos estudantes a identificar os períodos e contextos que abordam. Já na 17ª edição notamos para além desses temas mencionados anteriormente temas do Brasil contemporâneo sendo utilizadas charges, poemas e letras de músicas também. A tarefa foi um momento de desafio tanto para mim quanto para os estudantes, entre um dos momentos mais valiosos da olimpíada esta a realização das tarefas, pois eles sentiam com maior clareza e dimensão o trabalho de um historiador. O exemplo na segunda fase à tarefa foi analisar o quadro que representava o embarque da família real para o Brasil, uma charge sobre o voto feminino e uma fotografia sobre a festa da Uva de 1932, os estudantes tinham que analisar essas imagens e completar com as chamadas migalhas

(descrições das imagens). Nesse processo os estudantes tinham que ter a seguinte pergunta “como o historiador analisa imagens.” Partindo disso a próxima pergunta “qual o contexto da imagem e sua intencionalidade?” Para facilitar podemos dividir em etapas sendo a primeira ler a descrição da imagem, segunda etapa analisar primeiro e segundo plano, paisagem, pessoas, vestimentas e posições que ocupam no quadro. Na terceira etapa interpretar e questionar e na quarta etapa contextualizar e pesquisar. Todas essas etapas fomentam a atitude historiadora dos estudantes então elencamos como potencialidade, sendo um ponto que os professores precisam exercitar com os estudantes e a forma como fazemos a ONHB propicia ótimos formatos de colocar em prática essa atitude, ao mesmo tempo nela reside o desafio de demandar tempo para analisar as fontes e os vocabulários complexos que determinados recortes podem apresentar, com isso o professor precisa gerir seu tempo e caminhar em ambas as faces didática e acadêmica.

Durante as aplicações da olimpíada realizávamos em espaços de tutoria, visando não atrapalhar o andamento das aulas para os estudantes. Eles podem realizar a olimpíada sem necessariamente estarem na escola, mas estando na escola podem contar com o apoio do professor para atender duvidas e orienta-los além da ajuda oferecida pelos bolsistas.

No decorrer e após a participação na ONHB, recorri a autores que já conhecia da faculdade como Circe Bittencourt e Jörn Rüsen ao trabalharem com os conceitos de consciência histórica, pensamento histórico, atitude historiadora e a didática (BITTENCOURT, 2008, p. 35-37; RÜSEN, 2016, p.16-20). Dialogam perfeitamente com a ONHB e os apontamentos acerca dos desafios e potencialidades. Também encontrei no artigo de Felipe Vieira Soares o relato de sua experiência docente na ONHB trazendo o mesmo desafio citado anteriormente sobre a dupla face para o professor:

De acordo com Penna e Ferreira (2018, p. 112-114), o professor de História no decorrer das suas aulas pode desenvolver dois papéis: o de intelectual no sentido de divulgar a produção de conhecimento, apresentar o método e rigor da sua ciência, propiciar a circularidade de ideias e ao fim, construir o saber escolar; o de mediador ao fomentar provocações que façam os alunos usar da consciência histórica para entender o contexto e processo em que estão inseridos prestando a história uma finalidade pública. (PENNA e FERREIRA 2018 apud SOARES, 2023, p. 41).

Partindo da experiência que tive atrelado às fundamentações teóricas, percebi as ricas contribuições que a ONHB pode trazer para os estudantes e fomentar a atitude historiadora desenvolvendo o senso crítico, possibilitando uma percepção de mundo crítica para os estudantes também passando a valorizar a disciplina de história, porém o desafio de tempo e organização ficou evidenciado pela rotina exaustiva de cobranças e metas levada na PEI,



sendo necessárias boas articulações entre o Prof Rafael e os demais professores e gestores da unidade escolar, para abrir espaço para aplicação da ONHB e partindo desse ponto os bolsistas passarem a movimentar as equipes com os treinos e realização das provas.

METODOLOGIA

A proposta metodologica é voltada para a pesquisa qualitativa e quantitativa, sendo separada em duas etapas, a primeira sendo a minha experiência no processo de aplicação da ONHB como bolsista do Pibid, a olimpiada foi aplicada com estudantes tendo equipes do ensino fundamental (estudantes do 8 ano) e médio (esudantes do 1, 2 e 3 ano) totalizando sete equipes, sendo reservados espaços na unidade escolar quando as equipes treinavam ou realizavam a ONHB às vezes sendo em sala de aula, sala de leitura ou sala de informatica (**Figura 1**). Nesses momentos os estudantes ja reunidos em equipes utilizavam notebooks disponibilizados pela unidade escolar para a realização da prova, tambem foi impresso a prova para uma melhor leitura e dialogo entre as equipes, durante esses encontros tinham a possibilidade de sanar suas duvidas com o professor Rafael ou com os bolsistas do Pibid. No mes de Abril realizamos estudos e analises da 16 Edição como forma de treinamento para a edição atual, estudando questões e tarefas, ja em Maio iniciamos a 17 edição, sendo a primeira fase 05/05 a 10/05, segunda fase 12/05 a 17/05, terceira fase 19/05 a 24/05, ao final de cada fase fizemos a seleção de algumas questões e parte da tarefa como forma de estudo e treino para a proxima fase, porém encerramos na terceira fase com as duas ultimas equipes sendo eliminadas pela nota de corte.



Figura 1 - Estudantes do ensino médio realizando a segunda fase da ONHB. Fonte: Imagem de autoria própria. 12 Maio 2025.





A segunda etapa com a fundamentação de professores que escreveram a respeito, ou seja, a bibliografia com artigos e livros que contribuem para a pesquisa como o artigo de Felipe Vieira Soares “O ensino de história e a olimpíada nacional em história do Brasil: olhares sobre a experiência discente e docente”. Ficam em evidencia as experiências docentes e discentes com os docentes voltados para uma preocupação metodológica e didática de transpor aos estudantes o fazer historiográfico e os desafios que o acompanham, pelo lado discente Soares expõe:

A participação na ONHB não exige dos estudantes um estudo específico de conteúdo para o evento ou que tenham elevado desempenho quantitativo nessa disciplina escolar. A ONHB se propõe a apresentar novos olhares sobre a história do Brasil a partir de expedientes comuns ao trabalho do historiador como transcrição de documentos, análise de fontes de diversas naturezas, estabelecer temporalidades aos assuntos em questão entre outras operações próprias do ofício. (SOARES, 2023, p. 33).

A análise das experiências apresentadas por Soares (2023) evidencia que a ONHB configura-se como um instrumento formativo que ultrapassa o caráter avaliativo, possibilitando a articulação entre teoria e prática no ensino de História. A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se na observação dessas experiências, buscando identificar de que forma as práticas docentes e discentes contribuem para o desenvolvimento de competências relacionadas ao fazer historiográfico. Nesse sentido, a ONHB é compreendida como um espaço de experimentação pedagógica que favorece a construção crítica e colaborativa do conhecimento histórico, o exercício da análise de fontes e a ampliação da consciência histórica dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico parte de artigos e livros que tenham como eixos teóricos as análises da ONHB para o ensino de história e didática levando em conta os aspectos conceituais conectando com os desafios e potencialidades da aplicação da ONHB. O Livro de Circe Maria Fernandes Bittencourt “Ensino de História: fundamentos e métodos”. É apontado o uso dos documentos históricos como forma de introduzir o estudante ao pensamento histórico (conexão com a atitude historiadora), porém atentar para o objetivo não ser desenvolver um “pequeno historiador” (BITTENCOURT, 2008, p.328), mas sim a capacidade intelectual de fazer análises críticas. Os documentos são a matéria prima do historiador, os transformando em fontes de pesquisa, já o professor os transforma em material didático visto

que os estudantes não tem o mesmo nível de conhecimento sobre contexto histórico de um historiador. Também aproveitando essa perspectiva chamo atenção para o uso de imagens que BITTENCOURT (2008, p. 365) trás a importante pergunta: “as imagens tecnológicas são o real ou representação do real?”. Os historiadores que trabalham com o contemporâneo são os que mais utilizam dessa área de imagens tecnológicas, ao trabalharem com filmes, rádio, fotografias e música diante disso a ONHB utiliza com frequência as imagens especialmente em tarefas, propiciando aos estudantes um aprendizado de leitura imagética, considerando a realidade do mundo midiático em que estão inseridos com redes sociais e exposição frequente a notícias e imagens, torna-se fundamental a habilidade de olhar para uma imagem e refletir quais as suas intencionalidades.

O artigo de Felipe Vieira Soares “O ensino de história e a olimpíada nacional em história do Brasil: olhares sobre a experiência discente e docente”. Acerca dos estudos feitos por Soares somado à experiência durante ONHB, o desenvolvimento do pensar historicamente isto é o questionamento historiográfico “Quem escreveu, quando escreveu, onde escreveu e o que levou a escrever” corroborando com a consciência histórica, levando ao estudante a pensar o porquê se deve estudar história, qual a relação que ela tem com sua vida cotidiana, o que os estudantes consomem hoje como filmes, séries entre outras mídias podem contribuir para a história saindo do senso comum, e cultivando o habito da atitude historiadora.

Cito os organizadores Maria Auxiliadora Schmidt e Estevão de Rezende Martins que organizaram um conjunto de textos do historiador Jorn Rüsen compondo o livro “Jorn Rüsen: Contribuições para uma teoria da Didática da História”. Chamo atenção para dois conceitos que foram levantados nessa obra e conectam-se com a atitude historiadora e a ONHB, o primeiro sendo didática da História trata-se da reflexão teórica e prática sobre os processos pelos quais o saber histórico acadêmico é transformado (parte do docente) em saber escolar, permitindo que os estudantes construam (parte do discente) sentidos sobre o tempo histórico e compreenda sua inserção na sociedade (RÜSEN, 2016, p.15). O segundo conceito sendo consciência histórica, esta ligada com a didática da história sendo uma sucessão, no contexto educacional, o desenvolvimento da consciência histórica é fundamental para a formação da autonomia intelectual e da cidadania, uma vez que possibilita aos estudantes interpretar criticamente as narrativas sobre o passado e reconhecer a historicidade das ações humanas (RÜSEN, 2016, p.20).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



IX Seminário Nacional do PIBID
IX Seminário Nacional do PIBID

Com base nas experiências obtidas no processo de aplicação da ONHB mais os estudos teóricos é perceptível as potencialidades que a olimpíada proporciona aos estudantes, como o senso crítico, consciência histórica, atitude historiadora, leitura imagética e valorização da disciplina de história. Tendo a ONHB como SOARES (2023, p. 32) descreve: “Enquanto proposta curricular, a ONHB se propõe a desmistificar a hegemonia do Centro-sul como único palco da história do Brasil e reconhece também nos excluídos e nas periferias o papel de agentes históricos.” Com isso ela busca romper com as narrativas hegemônicas e valorizar as culturas que ficam marginalizadas. A ONHB propicia a vantagem de trabalhar o tempo todo com diversas fontes e documentos históricos partindo disso destacamos aqui o exercício da atitude historiadora que propicia a capacidade intelectual de fazer análises críticas. Por outro lado nos desafios do lado docente está a questão de gerenciar o tempo para organização e aplicação efetiva da ONHB, tendo como ponto de atenção a atual realidade das escolas PEI, avaliações frequentes e plataformas esse desafio foi amenizado com a participação dos Bolsistas do Pibid que apoiaram o professor na organização e realização, porém fica a reflexão sobre as escolas que não possuem esse apoio, o professor acaba sendo o principal responsável por protagonizar a participação dos estudantes, atendendo uma parcela provavelmente menor de estudantes e com uma eficácia diferente do professor que possui apoio dos bolsistas. Dos desafios pelo lado discente encontramos a dificuldade em atrair os estudantes para a olimpíada, justamente com uma ausência de consciência histórica os estudantes não percebem a importância da disciplina de história, apesar de ser uma olimpíada e ter esse caráter competitivo ainda conseguimos formar sete equipes melhorando a participação dos discentes na ONHB em comparação com o ano anterior.

Diante desses desafios e potencialidades fica para nós professores de história a mesma pergunta que fizeram a Rusen e ele deu a seguinte resposta:

“Qual o campo da didática da história? É só em sala de aula?”

“Rüsen: A relação da sociologia da cultura histórica com a Didática da História tem como resultado a aprendizagem. As disciplinas acadêmicas são respostas institucionalizadas para necessidades sociais. Os estudos históricos são uma resposta às questões sobre o tempo. Qual a questão respondida pela Didática da História? Nós precisamos de professores profissionais. Não só historiadores profissionais em sala de aula. O ponto de partida é a profissionalização de professores de história. Contamos com brilhantes teóricos do desenvolvimento da consciência moderna. Mas não existe nada parecido com o desenvolvimento da consciência histórica. Precisamos ou não de professores especializados? O que faz um professor ser profissional? Temos que refletir” (RÜSEN, 2016, p. 21).





Com essa resposta Rusen chama atenção para a especialização dos professores de história capazes de conectar a **teoria com a prática**, desenvolvendo a consciência histórica nos estudantes, preocupações essas que precisamos ter ao ensinar a disciplina de história e que ficaram evidentes com a ONHB. Esperamos que outras produções e estudos aprofundem e contribuam com a visibilidade da ONHB e sua importância para o desenvolvimento da atitude historiadora e valorização da disciplina de História, também acreditamos nos benefícios que o pibid pode trazer para os professores e escolas, ao desenvolver projetos e apoios como esse relatado aqui, desejamos que ele expanda para mais escolas permitindo mais experiências como essas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História permite que os sujeitos compreendam a si mesmos e o mundo em transformação, utilizando o conhecimento histórico como instrumento de orientação para a vida prática, nesse sentido a ONHB possibilita a habilidade de ter uma atitude historiadora, essa atitude implica a capacidade de analisar criticamente fontes, contextualizar acontecimentos, compreender diferentes perspectivas e construir narrativas fundamentadas, habilidade essa cada vez mais fundamental no contexto midiático em que vivemos possibilitar isso aos estudantes significa não apenas prepará-los para a vida prática, mas alertá-los sobre a importância da disciplina de História. As potencialidades e desafios analisados são passíveis de serem revistos sobre outras perspectivas, a perspectiva adota aqui parte da realidade encontra nas escolas PEI do momento presente, mas a primeira constatação que chegamos foi da importância e necessidade de haver incentivos e organização para a ONHB dessa forma explorando melhor suas potencialidades e benefícios para a disciplina de história. Outra constatação é a necessidade de ter mais bolsistas do Pibid em mais escolas, ampliando o desenvolvimento de projetos, apoios e no exemplo aqui trabalhado um desenvolvimento efetivo da ONHB.

AGRADECIMENTOS:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsas do PIBID. Também a Prof Ms Sandra pelas orientações durante o desenvolvimento da ONHB e a escrita do relato de experiência e ao Prof Rafael pelo apoio na organização e aplicação da ONHB. Por fim agradecer aos colegas bolsistas do PIBID que





atuaram na mesma unidade escolar que eu durante o desenvolvimento das atividades incluindo a aplicação da olímpiada.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RÜSEN, JÖRN. A Função da Didática da História: A Relação entre a Didática da História e a (meta) História. In: MARTINS, E. R.; SCHMIDT, M. A (orgs). **Jörn Rüsen: Contribuições para uma Teoria da Didática da História.** Curitiba: W. A. Editores, 2016. p.15-21.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. **Com número recorde, mais de 225 mil estudantes participam da Olimpíada Nacional em História em todo o país.** Brasília, 06 maio 2025. Disponível em:

<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2025/05/com-numero-recorde-mais-de-225-mil-estudantes-participam-da-olimpiada-nacional-em-historia-em-todo-o-pais>. Acesso em: 05 Ago. 2025.

OLÍMPIADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL. **Regulamento da 17^a Olimpíada Nacional em História do Brasil.** Campinas, 03 fevereiro 2025. Disponível em:

<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb17/regulamento>. Acesso em: 14 Abr. 2025.

SOARES, Felipe Vieira. **O ensino de História e a olimpíada nacional em História do Brasil: olhares sobre a experiência discente e docente.** Encontros, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 31-43, jul/dez. 2023. Disponível em:

<https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/encontros/issue/view/255>. Acesso em: 16 Jun. 2025.